



HISTÓRIAS E MEMÓRIAS

Galeria da Indústria Papeleira Portuguesa

Galeria da indústria papeleira portuguesa



MANUEL GIL MATA
Sócio n.º 101

1. Introdução

No ato inaugural desta iniciativa editorial, tive oportunidade de referir que no Salão Nobre da Galeria da Indústria Papeleira Portuguesa havia lugar para três retratos, que seriam identificados, aos visitantes, como dos principais vultos históricos que, na nossa opinião, permitiram descobrir, consolidar e desenvolver o caminho que levou a Indústria Papeleira Portuguesa ao lugar de destaque mundial que hoje lhe pertence.

Retratados o investigador da descoberta e o engenheiro da industrialização, esta homenagem estaria incompleta e a história ficaria mutilada se nesse Salão Nobre não fosse emoldurado o vulto que dedicou grande parte da sua vida, do seu saber e do seu apaixonado entusiasmo a estudar, a conhecer, a dominar, a apurar e a multiplicar a

dádiva da natureza que se transformou no grande sucesso da pasta de papel portuguesa, o eucalipto.

Esse vulto é o do Engenheiro Silvicultor Ernesto da Silva Reis Goes, a quem o país deve os pioneiros trabalhos que permitiram o desenvolvimento das plantações florestais que garantiram a consolidação e o desenvolvimento da indústria da pasta de eucalipto, em Portugal.

Numa altura em que, tão injustificada e despidoradamente, o eucalipto é alvo do mais violento, ignorante e lesivo ataque dos seus quase dois séculos de presença no nosso País, mais se justifica trazer a palco e iluminar com os focos da ribalta o retrato de quem tanto contribuiu para dele fazer uma das poucas grandes riquezas desta terra e o fiel e confiado suporte económico de milhares de famílias

portuguesas que teimam em não abandonar as suas terras e delas retiram, suada e honradamente, o seu quotidiano sustento.

Conheci o Eng.º Ernesto Goes nas reuniões trimestrais da Direção da Empresa da Portucel E.P., nos inícios dos anos 80, sendo ele um sénior responsável pela Direção Flores-tal e eu um jovem diretor do mais recente Centro Fabril. A par da sua reconhecida competência técnica e do seu prestígio como investigador, muito me impressionavam a sua simplicidade, a sua seriedade e o seu desprendimento em relação ao estatuto de membro da Alta Direção da Empresa, que era o seu, e um aparente menor interesse pelas preocupações de gestão: era, de facto um grande técnico e um notável investigador, com pouca paciência para as questões de administração,

o que lhe dava um particular e distinto encanto no meio daquele colégio de altos gestores.

Na altura, estando eu nos papeis de embalagem e preocupado especialmente com o pinho, contrariamente ao que acontecia com a Direção Florestal da Portucel e com o Engº Ernesto Goes, para quem o eucalipto era, efetivamente, uma “monocultura”, não privei tão de perto e tão

intensamente com o nosso biografado como gostaria de ter feito, lacuna que mais tarde preenchi, quando ingressei na Soporcet e mergulhei no mundo das pastas e dos papeis branqueados e, inevitavelmente, do eucalipto.

Para alinhar os avaros parágrafos deste incompleto esboço biográfico, socorri-me de várias fontes e documentos e do testemunho de pessoas

que mais diretamente privaram com o Engº Ernesto Goes, às quais estou muito agradecido. Não posso deixar de destacar a inestimável ajuda do seu filho, Engº Armando Goes, que tem o condão de aliar à sua louvável estima filial o seu notável conhecimento sobre a espécie que apaixonou o seu distinto progenitor e a obra que o notabilizou.

ERNESTO GOES



2. A Paixão pelo Eucalipto

Filho de pais orgulhosamente alentejanos, de quem herdou o gosto pela terra e pela agricultura, que mais tarde o levaria ao Instituto Superior de Agronomia, mercê da atividade de seu pai, cujos interesses numa fábrica de moagem de trigo obrigaram a família a domiciliar-se no Algarve, Ernesto Goes nasceu em Faro, em 1917, e lá residiu até 1934.

Na capital do Algarve, frequentou o liceu e teve significativa atividade desportiva, tendo-se iniciado no futebol e no atletismo, que praticou com mérito nas equipes do Bele-nenses e do ISA, quando se fixou em Lisboa, em 1934.

A sua paixão pela terra e pelas árvores levou-o a inscrever-se no Curso de Silvicultura do Instituto Superior de Agronomia, que concluiu em 1942 e lhe abriu as portas da Direção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, onde teve o seu batismo de campo, com um tirocínio de topografia e levantamento de áreas da Serra da Lousã.

Após defender tese, em 1945, iniciou-se a sua fase de dedicação à entomologia, tendo ingressado no Laboratório de Biologia Florestal dos Serviços Florestais, onde trabalhou até 1949, em frutuosa atividade de investigação, da qual resultou uma dúzia de trabalhos publicados.

Nessa altura, o país confrontava-se com uma séria praga conhecida como “lagarta desfolhadora do sobreiro”, grande preocupação para os proprietários e as autoridades agrícolas. Com o suporte do Laboratório de Biologia Florestal, foi preparada uma campanha de combate à praga, que culminou com a produção de um filme chamado “A Lagarta do Sobreiro”. Ernesto Goes, o principal especialista e investigador da campanha, foi designado para Diretor Técnico do filme, onde a protagonista era a coleante *Lymanta Dispar*, cognome latino da famosa lagarta. O filme teve tanto sucesso que foi premiado pelo famoso SNI-Serviço Nacional de Informação e escolhido



Levantamento do Território - Anos 40

para representar Portugal na Bienal de Veneza.

A tentativa de tirar dos gabinetes os técnicos da Secretaria de Estado da Agricultura não é uma invenção do atual Regime Democrático: já em 1949, a grande maioria dos técnicos de então foi deslocada para o campo, no âmbito de uma iniciativa chamada Plano de Fomento Agrário, cujo objetivo era a elaboração de uma proposta de ordenamento agrário do país, com a indicação das culturas a privilegiar nas diferentes regiões.

Ernesto Goes foi integrado nessa missão, cabendo-lhe trabalhar em diversos concelhos do sul do país, onde ele constatou haver imensas áreas sem nenhum interesse agrícola efetivo. Na procura, cuidadosa e bem suportada, como ele sempre fazia, de alternativas técnica e economicamente válidas, para ocupação dessas áreas, Ernesto Goes chegou ao eucalipto e começou a visitar todos os arboretos conhecidos e a devorar toda a literatura relacionada com a espécie, na altura episodicamente presente em Portugal e muito pouco conhecida do ponto de vista técnico e científico.

Quanto mais trabalhava esta ideia, mais se convencia dos méritos da espécie e mais vontade sentia de aprofundar os seus conhecimentos sobre as suas características, a sua silvicultura e o seu potencial económico.

Assim, nasceu nele, para benefício do país, uma verdadeira paixão pelo eucalipto, que levou Ernesto Goes a dedicar grande parte da sua atividade a esta espécie florestal que havia chegado a Portugal mais de 100 anos antes, sem se saber bem porquê nem para quê, e que, na altura, não ocupava mais de 50 000 hectares da nossa área florestal.

Mas o interesse pelo eucalipto, nessa era, não se esgotava no Engº Goes. Na década de 50, nos Congressos da Silva Mediterrânea, promovidos pela FAO, as principais espécies em destaque eram o sobreiro e o eucalipto, credores de duas subcomissões distintas, cada uma delas promovendo a realização bienal de congressos internacionais, destinados ao aprofundamento e divulgação das características da respetiva espécie.

Ernesto Goes, que já se perfilava como o grande investigador do

eucalipto em Portugal, chefiou a delegação portuguesa aos congressos da Subcomissão do Eucalipto, realizados em Marrocos, França, Espanha, Portugal e Itália, entre 1954 e 1963. Estes encontros foram fundamentais para o aprofundamento e internacionalização do conhecimento sobre a cultura desta árvore, particularmente atrativa para Portugal e Espanha, mas também de muito interesse para França, dada a influência francesa em Marrocos.

Em Portugal, o interesse pelo eucalipto, liderado pelo nosso biografado, começava a crescer, quer ao nível da iniciativa privada quer no seio dos serviços florestais.

Em 1952, esteve em Portugal, a convite dos Serviços Florestais, um reputado técnico silvicultor francês, o Prof André Metró, que trabalhava para o Governo Francês e para a FAO e era considerado um grande especialista internacional em eucalipto. Guiado por Ernesto Goes, o Prof Metró percorreu os principais arboretos portugueses de eucalipto, que Goes havia já estudado e classificado, tendo ficado tão impressionado com o trabalho realizado pelo



Visão da Florestação do País - Anos 50

seu colega português, que o relatou encomiasticamente ao Diretor Geral das Florestas, o que muito contribuiu para elevar a cotação da espécie e do nosso investigador junto das autoridades responsáveis pela silvicultura, em Portugal.

Mercê da sua competência, do seu entusiasmo e do apreço com que era visto na subcomissão do eucalipto, Ernesto Goes começara a ganhar um prestígio internacional que muito o ajudava a concretizar as suas ideias no País.

Data dessa altura a plantação do Arboreto de Eucaliptos do Escaroupim, realizado por sua iniciativa e sob sua orientação, entre 1953 e 1958, onde 120 diferentes espécies foram plantadas, numa área de 50 hectares, considerado um caso notável e ímpar, a nível mundial.

Em 1955, Ernesto Goes é nomeado para chefiar o Departamento de Estudos e Projetos de Melhoramentos, criado, dentro da Direção Geral dos Serviços Florestais, para apoio à arborização da propriedade privada, onde se manteve até 1964 e desenvolveu um notável trabalho. Além de ter estudado novas técnicas de plantação e ter promovido a instalação de viveiros, criou matas-piloto e elaborou planos de arborização em diversas bacias



Afetos dos Serviços Florestais - Anos 50

hidrográficas, em mais de 100 grandes projetos de arborização que, no total, ultrapassaram a notável área de 1 000 000 de hectares. Complementarmente, para apoio concreto ao fomento florestal da propriedade privada, foi criada uma rede de viveiros florestais estratégicamente colocados, como foram os de Mora, Alcácer do Sal e Odemira.

Mas o seu apoio à arborização não se limitou ao âmbito dos Serviços Florestais, tendo-se alargado à iniciativa privada, com exemplos tão importantes como as plantações de 1000 hectares nas Minas de S. Domingos, em Mértola, 1000 hectares na Herdade da Comporta, em Grândola, 1000 hectares na Mata do Duque, em Benavente, e 300 hectares na Herdade de Rio Frio, no Montijo, atividades realizadas na década de 50.

O contacto formal entre Ernesto Goes e a Indústria da Pasta iniciou-se em 1957, quando a Administração da Socel, após ter obtido licença para a instalação de uma nova fábrica de pasta de eucalipto, adquiriu terrenos na Mitrena, tendo destinado cerca de 50% a serem ocupados pelas instalações fabris, com o restante reservado para ser florestado com eucalipto. Ernesto Goes, a reconhecida competência florestal da nova e promissora espécie, foi convidado para Consultor da Socel.

Era a primeira iniciativa florestal séria da então nascente indústria da pasta de eucalipto, com mudança de paradigma do abastecimento fabril e decisiva importância no futuro da indústria, em Portugal.

3. O Fomento das Plantações de Eucalipto

As preocupações dos utilizadores do eucalipto, como matéria-prima da indústria papeleira, não são de agora, tendo iniciado a sua carreira, como principal razão de insónia dos responsáveis da indústria, no início da década de sessenta do século passado.

O sucesso da pasta branqueada de Cacia no mercado internacional

levou a que chovessem na Secretaria de Estado da Indústria, de 1963 a 1965, mais de uma dúzia de pedidos de licenciamento de novas instalações de fabrico de pasta. Embora, algumas das vezes, a utilização de eucalipto e a produção da sua pasta papeleira branqueada não estivessem claramente expressas, fácil era perceber, nas entrelinhas, que esse seria de desiderato final da pretensão.

Casos havia em que a madeira de pinho era expressamente mencionada, especialmente no que se referia a papéis de embalagem ou de pasta mecânica, áreas em que a experiência nacional, na altura, era diminuta e que não ilustram a preocupação que queremos sublinhar.

A Administração da Companhia Portuguesa de Celulose teve, então,

que se desmultiplicar em empenhos, influências e recursos, para tentar impedir que tais iniciativas vingassem e lhe fizessem concorrência na matéria-prima e no mercado, fazendo apelo ao famoso regime do Condicionamento Industrial, um dos ícones do Regime e dos interesses instalados.

Iniciou-se, então, uma excitante refrega nos bastidores da política, pois cada grupo promotor tinha as suas armas, municiadas pelos seus conhecimentos, empenhos e influências. Coube ao Secretário de Estado da Indústria de então, Manuel Amaro da Costa, o papel disciplinador deste latente tumulto, através de um famoso despacho orientador sobre a indústria de celulose que, entre outras orientações, impunha a distribuição das novas iniciativas por diferentes zonas geográficas, com necessidade de apresentação de um plano de florestação da zona pretendida, a garantia da sua efetiva execução e obtenção da matéria-prima e o acesso ao capital da empresa por parte dos proprietários florestais da região selecionada.

Aparecia assim, pela primeira vez institucionalizada, a necessidade de dar suporte florestal às iniciativas industriais do setor.

Para além desta assinalável influência da crescente procura de eucalipto no mercado interno, outros fatores relevantes influenciaram, na época, o fomento da cultura do eucalipto. Um dos mais importantes foi, a nosso ver, a inevitável adesão de Portugal aos movimentos de integração europeia, nos quais o País se estreou, através da adesão à EFTA, exatamente no início da década de sessenta.

A EFTA, iniciativa integrationista liderada pelo Reino Unido, pretendia ser fundamentalmente destinada aos produtos industriais. Mercê



Congresso e Trabalho de Campo - Anos 50

da constatação da debilidade da indústria de Portugal, na altura, face à dos outros Estados Membros, o Regime pretendeu impor, nas negociações, um regime de alargamento da integração aos nossos produtos agrícolas, embora em condições de aparente favorecimento do país. A verdade é que o conseguiu, por mérito negocial do Ministro Correia de Oliveira, tendo isso sido anunciado como uma conquista de Portugal e do seu Governo.

A integração veio, no entanto, evidenciar a dramática falta de competitividade da nossa agricultura, com particular impacto nas culturas cerealíferas, com aumentos expressivos de importações e a colocação de significativas áreas de território, particularmente no sul, em situação de desocupação agrícola.

O potencial de exportação de um produto industrial competitivo, a pasta de eucalipto, e a disponibilidade de terras para florestar, foram o caldo de cultura adequado às iniciativas de fomento da florestação com eucalipto.

Ernesto Goes, que conhecia como ninguém o eucalipto, as suas potencialidades para a indústria e as especificidades da sua plantação e cultivo, estando conchedor e convicto das suas grandes e inevitáveis vantagens para o país, emergiu,

então, como grande pioneiro do fomento da espécie, em Portugal.

Nessa altura, início dos anos sessenta, já o Projeto Socel estava em marcha e havia acabado a aguerrida fase concorrencial com a CPC, tendo o Engº Quevedo assumido já grande influência no projeto de Setúbal que, mais adiantado no tempo do que os novos projetos atrás referidos, conseguira ter luz verde para avançar. No Conselho de Administração da Socel, destacava-se, nesta matéria do abastecimento florestal, o Engº Sampaio e Melo que, para além de contestar as novas iniciativas concorrentes, teve o discernimento de iniciar medidas de fomento florestal, antecipando-se às outras empresas concorrentes e tendo inspirado até as orientações definidas no posterior despacho orientador de Amaro da Costa.

Sampaio e Melo não era um especialista em eucalipto, mas teve a visão e o mérito de recrutar, para Consultor Florestal da Socel, o Engº Ernesto Goes, que ele reconhecia como autoridade na matéria e que manteve ao leme da atividade florestal da nova empresa, ao mesmo tempo que continuava a trabalhar nos Serviços Florestais, até 1965.

Nesta fase da sua carreira é impressionante o número de trabalhos e publicações da autoria de Ernesto



O Sonho do Fomento Florestal - Anos 60

Goes, nem todos relacionados com o eucalipto, mas onde dominava a espécie que havia germinado no seu coração de técnico e investigador: Óleos Essenciais de Eucaliptos (1955), Viveiros e Plantações de Eucaliptos (1957), Rapport des Traveaux sur les Eucalyptus au Portugal (1958), Os Eucaliptos em Portugal, Monografia, Volume I (1960), Evolution du Development de l'Eucalyptus au Portugal (1960), Les Regions les Plus Favorables a la Culture du E. Cameldulensis et du E.Globulus en Portugal (1960), Relatórios das Atividades Nacionais do Eucalipto (1960/1961), Os Eucaliptos em Portugal, Vol II, Ecologia, Cultura e Produção (1962) e 1ª Jornada Italiana do Eucalipto (1964), para só referir os mais importantes.

Arrancada a Fábrica de Setúbal, em 1964, a Socel decidiu finalmente criar os seus Serviços Florestais, com o objetivo de definir uma política própria para o abastecimento de matéria-prima, procurando pesquisar a disponibilidade de madeira nas

zonas mais próximas e favoráveis, assinar contratos com entidades habilitadas a fazer fornecimentos avultados e desenvolver ações de florestação em terrenos do Estado ou de grandes casas agrícolas.

Sob a direção de Ernesto Goes, foi, pela primeira vez, elaborada uma Carta Florestal integralmente feita pela iniciativa privada, focando a região a Sul do Tejo, primeira publicação do Gabinete Técnico Florestal da Socel, em 1966. Este trabalho suportou a primeira Estimativa de Disponibilidade, a 10 anos, de Matéria-Prima Lenhosa ao Sul do Tejo e o primeiro levantamento de Áreas de Eucaliptal, nos distritos do sul, onde elaboravam estatísticas de cortes e se apuravam produções médias.

Foi nessa altura que Goes desenvolveu o primeiro núcleo florestal da Socel e estabeleceu os primeiros contratos de florestação em parceria em 2400 ha, seguidos por outras importantes iniciativas na Serra de Ossa, na zona de Odemira e em Monchique.

Em 1970, a Socel tinha 9 300 ha plantados e, passados seis anos, quando se deu a nacionalização e a criação da Portucel EP, num total de 19 250 ha da área florestal da nova empresa estatal, 16 400 ha, mais de 80%, eram oriundos da Socel. Mérito de Ernesto Goes!...

Para concretizar a política definida pela célebre Lei 2069, o Estado Português, reconhecendo a importância de fomentar a florestação da propriedade privada, constituiu, em 1966, o Fundo de Fomento Florestal, que foi uma oportunidade para o desenvolvimento da plantação de eucaliptais e um grande incentivo à inovação das técnicas de preparação do solo, fator fundamental para o sucesso das novas arborizações, uma vez que a larga maioria dos solos disponíveis eram esqueléticos,

com uma pequena camada arável assente diretamente na rocha-mãe que era forçoso romper, o que exigia técnicas inovadoras e equipamentos cada vez mais pesados e potentes.

As técnicas silvícolas sempre estiveram na primeira linha da investigação do nosso distinto silvicultor, que desempenhou um papel fundamental na evolução das técnicas de plantação dos eucaliptais em Portugal, inicialmente feita em "vala e cômoros", segundo as curvas de nível, para passar a ser feita em "terraça", prática implementada no país pelo Gabinete Técnico Florestal da Socel e inspirada nos ensinamentos recolhidos no sul de Espanha, por Goes, cuja curiosidade e atividade se alargavam para além de Portugal.

Em 1969 e 1970, em representação das Administrações da CPC e da Socel, esteve em Angola, a estudar a possibilidade de plantar 100 000 hectares de eucaliptal na zona de Malange, para alimentar uma fábrica de pasta a construir na região. Sei que foi também um grande suporte e inspiração para Luís Rolo, quando ele equacionava as plantações, em Angola, destinadas à Celangol.

Como tive oportunidade de referir, a EFTA foi o primeiro movimento integracionista europeu que criou condições para o extraordinário desenvolvimento do eucaliptal, em Portugal, tendo dado um grande apoio à instalação da Celbi e ao importante papel que os suecos da Billerud tiveram no fomento das plantações de eucalipto neste país e que é de toda a justiça reconhecer. Também aí, Ernesto Goes desempenhou um papel importante, na medida em que dirigiu as análises florestais feitas para averiguar da potencialidade de instalação de novas fábricas de pasta no nosso território, trabalho promovido pelo



África - Anos 70

Governo Português, por solicitação da EFTA, cujas conclusões foram fundamentais para dar credibilidade às potencialidades de Portugal junto dos investidores externos.

O insuspeito e perspicaz Administrador Delegado da Celbi, Nils Paues, no seu livro "Stora Celbi", diz desassombradamente que "o grande mestre do eucalipto, em Portugal, o Engº Ernesto Goes, colaborou com o responsável sueco da Celbi, que muito apreciou essa colaboração".

Apesar de toda este entusiasmo e toda esta atividade de fomento do eucalipto durante a década de sessenta, os responsáveis pelos quatro grandes operadores industriais então instalados, CPC, Socel, Celbi e Caima, não deixaram de ter grandes preocupações com o abastecimento de madeira às suas fábricas, receando a escassez de matéria-prima e vendo o seu preço subir aceleradamente, mercê da aguerrida competição entre eles instalada e o sucesso conseguido no desenvolvimento da capacidade de produção das suas unidades industriais.

Com o dealbar da década de setenta, a situação extremou-se de tal modo que as administrações das empresas instaladas resolveram entender-se

para, com o beneplácito do Regime, criarem uma organização monopolista de compra de madeira, que se apresentava como comprador único, face à multiplicidade dos fornecedores, com preço concertado e garantindo a aquisição de toda a madeira oferecida no mercado, a qual era depois rateada pelas quatro empresas do consórcio.

Os esforços de fomento da florestação, sonhados e concretizados por Ernesto Goes, não foram suficientes para travar a tentação monopolista da indústria, facilitada pelo ambiente político da época, a que até os liberais empresários escandinavos e britânicos cá instalados aderiram e que a Revolução de 74 veio óbvia, rápida e iradamente desmantelar.

Apesar do seu grande envolvimento e entusiasmo na atividade florestal da Socel, Ernesto Goes nunca quis deixar os Serviços Florestais do Estado, onde tinha começado a sua atividade e a que tanto se afeiçoara e que, em reconhecimento do seu grande saber e dedicação ao eucalipto, o nomearam para dirigir o Departamento de Cultura e Exploração Económica do Eucalipto, da Direção Geral dos Serviços Florestais, onde a Revolução de Abril o veio encontrar, em 1974. Por lá

terá passado a fase mais aguda do período revolucionário, que foi particularmente agitado na Socel.

Neste período conturbado, teve, no entanto, um papel importante na elaboração do documento sobre o Abastecimento de Matérias-Primas Lenhosas à Indústria de Celulose, que serviu de suporte à CRICEL – Comissão de Reestruturação da Indústria de Celulose, que esteve na base da criação da empresa estatal Portucel, EP, em 1976, resultante da nacionalização e fusão das empresas de celulose de capital nacional. Até as novas entidades emergentes da Revolução reconheciam a indispensabilidade da sua contribuição no domínio atividade florestal a montante da indústria.

Após a nacionalização, a promiscuidade instalada entre o Estado e as empresas estatizadas criou condições para que Ernesto Goes fosse requisitado, em 1976, ao Ministério da Agricultura e Pescas, para prestar serviço, a tempo integral, como Diretor do Departamento Florestal da Socel, então a ser gerida por uma Comissão Administrativa. Veio depois a ser-lhe concedida, em 1977, uma licença ilimitada para ingressar na Portucel EP, como Diretor do Centro de Produção Florestal, na primeira solução organizativa da nova empresa desenhada pelo seu primeiro Presidente, Virgílio Teixeira Lopo.

Para Ernesto Goes, esta solução terá sido certamente interessante, pois passava a ter responsabilidade pela atividade florestal de uma empresa que abrangia todo o território nacional, e onde o eucalipto era a estrela, sem cortar o cordão umbilical aos "seus" Serviços Florestais.

Apesar de, na Europa, Portugal ser o país do sucesso do eucalipto, dominando o mercado e a tecnologia da nova pasta entusiasticamente



O Abastecimento da Indústria - Anos 80

devorada pelo mercado internacional, durante os anos 70 começaram a nascer e a consolidar-se no Brasil novas empresas dedicadas à pasta da nova espécie, suportadas por plantações de eucaliptos que a dimensão territorial e o clima tropical do país-irmão prometiam catapultar para o estrelato mundial.

Penso hoje, que os portugueses da indústria de celulose de eucalipto (nos quais modesta mas culposamente, neste caso, me incluo), tão inebriados estavam, na altura, com o seu novo sucesso na indústria papeleira e tão distraídos andavam com os seus problemas de abastecimento e de alteração da matriz económica e social do país emergente da revolução, que não se aperceberam verdadeiramente da enorme ameaça que daí adviria, no futuro, para o seu novo negócio. Também se não davam conta da oportunidade que perdiam, por não aproveitarem o tempo próprio, em que eram inovadores e dominadores da tecnologia e do mercado, para se lançarem em espaços alargados,

onde a pequenez e a complexidade do seu território europeu não fossem uma intransponível barreira à sustentabilidade e desenvolvimento do seu novo maná industrial.

Verdade seja, que alguns o fizeram, tendo dirigido os seus olhares para África e esquecendo a América Latina, como foi o caso de Luís Rolo e Quevedo, tendo o seu sonho, no entanto, esbarrado com o trauma e as sequelas da Revolução e o desmantelar da epopeia ultramarina.

Outro tanto não aconteceu com americanos, japoneses e escandinavos, que lançaram as suas sementes industriais para o Brasil, onde frutificaram os casos da Champion, da Cenibra, da Riocel e da Aracruz.

Ernesto Goes estava atento e, em 1979, foi contactar com essa nova e promissora realidade, visitando as atividades das novas empresas brasileiras e o Instituto de Pesquisas e Estudos Florestais da Universidade de São Paulo, onde a investigação florestal do Brasil desenvolvia e

apoava a nova espécie e a sua adaptação às condições locais.

Goes veio encantado e entusiasmado, principalmente com o grande avanço que constatara no melhoramento do eucalipto e da sua propagação vegetativa. A partir dessa data, tentou iniciar a exploração da clonagem do nosso *globulus*, que se revelou muito mais difícil de clonar do que o *grandis* e o *urograndis* dominantes no Brasil. Só mais tarde, no Instituto Raiz da Soporcet, na Torre Bela, sob o comando de Rogério Freire, se obtiveram resultados com expressão e dimensão para a propagação vegetativa passar a ser uma técnica de aplicação corrente na produção de plantas de *globulus* para as plantações da indústria.

Os novos clones nacionais da espécie não poderiam, porém, deixar de prestar homenagem ao Silvicultor português nacional que tanto fez pela espécie. Como adiante veremos, em sua homenagem foi dado o seu nome a um dos clones que mais se distinguiram na primeira fase da investigação e utilização da propagação vegetativa ao *Eucalyptus globulus*, clone que é hoje uma presença viva de Goes em milhares de hectares de eucaliptais de Portugal.



Viveiro da Floresta do Futuro - Anos 90

Com a reestruturação da Portucel EP realizada pelo seu segundo Presidente, Luís Deslandes, em 1980, o Engº Goes foi obviamente escolhido para ser o Diretor Geral da Direção Florestal, então criada, reportando ao Administrador Lopes Serra, responsável pelo pelouro da floresta, que por ele nutria grande respeito e admiração.

Foi nessa fase que tive o gosto de o conhecer de perto, particularmente nas animadas Reuniões Trimestrais realizadas fora de Lisboa, em regime de internato, onde as intervenções do Engº Goes eram sempre uma interessante surpresa. A sua paixão pelas questões técnicas e o seu visível enfado pelas preocupações administrativas e de gestão depressa o levaram a pedir para deixar a Direção Florestal, para a qual foi nomeado Monteiro Diniz, e a passar para Assessor do Conselho de Administração, onde apoiava diretamente Lopes Serra.

Apesar de toda a sua paixão em relação ao eucalipto, a bagagem silvícola de Ernesto Goes albergava também outras importantes espécies, particularmente o sobreiro e o pinheiro. Quando o conheci, estando eu no Centro Fabril Viana da Portucel, que fabricava kraftliner e só usava pinheiro bravo, ele não deixava de ser o meu mais privilegiado interlocutor florestal.

No princípio dos anos 80, para melhor se documentar sobre o pinho e bem responder às nossas questões, Goes empreendeu uma viagem às Landes, para estudar o pinheiro bravo desse extenso pinhal do sudoeste de França, que alimentava a Cellulose du Pin, o nosso grande concorrente não escandinavo, utilizador de matéria-prima idêntica à nossa. Empreendeu igualmente uma viagem ao Norte de Itália, para se documentar sobre a aplicação da casca e dos resíduos do pinheiro para a fabricação de húmus, para aplicações na agricultura.

O Projeto Florestal do Banco Mundial, por essa instituição financiado e previsto para o período de 1981 a 1986, foi o último grande projeto florestal que mobilizou o nosso biografado. Previa a arborização de 150 000 hectares, sendo 90 000 da responsabilidade da Direção Geral das Florestas e 60 000 a cargo da Portucel, bem como a criação de um Serviço de Extensão Florestal e uma linha de crédito específica para a produção florestal.

Para além da parte efetivamente plantada pela Portucel, em grande parte concretizada sob o comando de Goes, e da fração realizada pelos Serviços Florestais, que não atingiram a meta inicialmente prevista, o projeto teve a virtude de contribuir para vários estudos colaterais, tendo

Ernesto Goes participado, com a colaboração da FAO, na preparação de diversos Relatórios sobre importantes temas florestais, incluindo recomendações ao Governo e às Autoridades Florestais do País.

Quando António Celeste sucedeu a Luís Deslandes e Lopes Serra deixou também a Administração da Portucel, em 1984, Ernesto Goes sentiu que era a hora de deixar a empresa e a indústria e voltar novamente aos "seus" Serviços Florestais, para poder dedicar-se, a tempo inteiro, à investigação e ao trabalho no campo, que era onde a floresta verdadeiramente o encantava. Reformou-se da empresa, no princípio de 1984, tendo regressado à função pública, a que nunca tinha verdadeiramente deixado de pertencer, pelo menos de coração, ingressando na Estação Florestal Nacional, onde foi nomeado Chefe do Departamento de Silvicultura.

Não tive o privilégio nem o gosto de ter assistido à sua última presença numa Reunião de Alta Direção da Portucel EP, onde foi alvo de um louvor exarado na ata e lido em voz alta perante o Conselho de Administração e o colégio dos Diretores da Empresa, a que eu já não pertencia, por ter deixado o Centro Fabril Viana, na semana anterior, para me juntar ao nascente Projeto Soporcél, na Figueira da Foz.

4. O Regresso às Origens

Os últimos anos da carreira ativa de Ernesto Goes constituíram um verdadeiro regresso às origens e foram passados no ambiente que ele mais apreciava: a investigação, as conferências e a elaboração dos seus livros e artigos científicos e técnicos.

Acabado de sair da indústria, em 1984, foi indicado para integrar a Comissão Organizadora dos Encontros Técnicos e Científicos de 1984 / 1985 dos Serviços Florestais, tendo inaugurado um Ciclo de Conferências com um trabalho denominado "Os Eucaliptos e o seu Enquadramento no Setor Florestal".

Já na sua nova atividade, na Estação Florestal, promoveu a celebração, com a ACEL (Associação da Indústria de Celulose), um Contrato-programa, ao abrigo do qual realizou um estudo sobre o importante tema "Novos Aproveitamentos em Terrenos de Antigos Eucaliptais", publicado em 1987.

Em Abril desse mesmo ano, por ter atingido a idade-limite de 70 anos, foi aposentado da função pública, prosseguindo, no entanto, a sua obra literária que conta com mais de 80 publicações de artigos e livros sobre temas técnicos e científicos. De entre eles, gostaria de referir alguns que foram publicados pela Portucel, ou por ela patrocinados, sendo marcos importantes da literatura técnica sobre o eucalipto e a floresta portuguesa:

- Os Eucaliptos
Ecologia, Cultura, Produções e Rentabilidade
Portucel, Lisboa, 1977
- Os Eucaliptos Gigantes em Portugal
Portucel, Lisboa, 1979
- Árvores Monumentais de Portugal
Portucel, Lisboa, 1984
- Os Eucaliptos
Identificação e Monografia de 121 Espécies Existentes em Portugal
Portucel, Lisboa, 1985
- A Floresta Portuguesa
Portucel, Lisboa, 1991

Muitas foram as homenagens prestadas, felizmente em vida, ao nosso ilustre biografado. A duas delas atribuo especial significado, por terem nascido e vingado no seio dos seus colegas mais novos, que reconheceram a sua fibra, na extraordinária aventura da fibra de eucalipto na Indústria Papeleira Portuguesa.

A 21 de abril de 1990, Ernesto Goes foi, muito justamente, homenageado



Eucalipto Monumental e Monumento do Eucalipto

pela Tecnicelpa, tendo o seu Curriculum Vitae sido lido, em voz alta, por Rui Ribeiro em Assembleia Geral e sendo-lhe atribuída a distinção de Sócio Honorário, a ele que nunca tinha sido sócio ordinário, como reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à Indústria e pelos importantes trabalhos desenvolvidos nos domínios da investigação e do fomento do eucalipto em Portugal.

Passados 10 anos, em outubro de 2000, foi a vez do Instituto de Inves-

tigação Raiz, ainda na Torre Bela, mas já sob a direção de Serafim Tavares, lhe ter prestado uma homenagem, a que tive o gosto de assistir, com a atribuição do seu nome ao clone do *Eucalyptus globulus* mais distinto até à data desenvolvido no Instituto, que passou a ser designado por Goes.

O clone Goes ainda hoje é um dos mais produtivos e utilizados em milhares de hectares de eucaliptais deste país, onde, para bem dos portugueses, garbosamente se ergue do solo pátrio para o céu de Portugal. ■

info@tecnicelpa.54

Março'18

Associação Portuguesa dos Técnicos
das Indústrias de Celulose e Papel

FLORESTA SUSTENTÁVEL

Um compromisso de Todos